

ENTREVISTA COM MARCELO DE OLIVEIRA FAUSTO FIGUEIREDO SANTOS

MARCELO DE OLIVEIRA FAUSTO FIGUEIREDO SANTOS

Doutor em Direito (PUC-SP – 1997), Mestrado em Direito (PUC-SP – 1989), Professor Livre-Docente pela PUC-SP (2003) e posteriormente Professor Associado pela mesma Universidade (2009). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq "Direitos fundamentais".

AUGUSTO NEVES DAL POZZO

Professor da PUC-SP.
augusto@dalpozzo.com.br

RICARDO MARCONDES MARTINS

Professor da PUC-SP.
ricmarconde@uol.com.br

Revista de Direito Administrativo e Infraestrutura (RDAI)¹ – A primeira pergunta é a mais pessoal. Conte-nos um pouco sobre a escolha do Direito? E pela Advocacia? E pela docência? Como o senhor vê o exercício da advocacia?

Marcelo Figueiredo – Bom, eu na verdade cursei o Colégio Rio Branco, no Ensino Médio, e a minha primeira escolha não era a advocacia. Eu fiz um exame vocacional, como na época se fazia, para verificar as tendências profissionais, e deu Música, História e Ciência. Uma coisa bem vaga assim... De modo que eu cursei "Biológicas", no meu tempo tinha Exatas, Biológicas e Humanas, no terceiro ciclo, antes da Universidade. Fui cursar "Biológicas", que era o mais difícil, tinha Química, Bioquímica, Física etc., porque eu supunha que eu ia seguir alguma carreira científica, ou de Ciências Biológicas. Mas, aí, acabei fazendo o vestibular para Direito na PUC. Meu pai é advogado, mas ele nunca pediu para que eu seguisse a carreira, mas eu achei que a advocacia tinha mais a ver com História, com Filosofia, com Ciência Política, que sempre foram matérias que eu apreciava. Eu ia melhor na escola em Ciências Humanas do que em Ciências Exatas, então me sobrava ou Biológicas ou Humanas, e eu acabei indo para as Humanas.

Gostei da Faculdade de Direito. A partir do terceiro ano do Curso eu já me envolvi com o Centro Acadêmico, mas sempre num aspecto cultural, fui Diretor

1. Entrevista concedida em São Paulo em 03.04.2019.

Cultural do Centro Acadêmico 22 de Agosto. E sempre mantive uma relação pessoal com os professores, desde o meu terceiro ano de Direito. Procurei ser monitor de alguns professores. Acho que a minha carreira acadêmica, na verdade, nasceu quando eu era estudante, porque eu sempre me associei a professores para aprender com eles, isso desde a graduação. Então, fui assistente do Professor Guido Fernando Silva Soares, que era Professor Catedrático de Direito Internacional Público da USP e, também, Professor de Introdução ao Estudo de Direito na PUC. Fui assistente do Professor José Gregori, que também era professor de Introdução à Ciência do Direito.

Fiz um concurso para monitoria no então Departamento 1, que era o departamento chefiado pelo Professor Franco Montoro, e lá eu comecei a minha carreira. Não tinha contrato, era monitor simplesmente, vamos dizer, auxiliando o professor designado pelo Departamento. Havia um rodízio, você ficava seis meses com um professor e depois seis meses com outro, ou um ano, não me lembro. Mas eu sei que eu passei, digamos, do terceiro ao quinto ano, por dois ou três professores diferentes porque o Departamento designava e alterava os monitores para que eles tivessem vivências diferentes com professores diferentes. Então, nessa ocasião, eu trabalhei com alguns professores da PUC, sempre ou em Filosofia ou em Introdução à Ciência do Direito.

E depois, imediatamente, como eu realmente apreciava as aulas e a Ciência do Direito, eu imediatamente fiz inscrição na pós-graduação para fazer o mestrado, e imediatamente comecei a cursar a pós-graduação. Eu me formei em 1982, e em seguida me inscrevi na pós-graduação em Constitucional, e tive como orientador no mestrado o Professor Celso [Ribeiro] Bastos. Desenvolvi uma grande amizade por ele à ocasião. Ele ainda não estava doente, estava em pleno vigor da sua maturidade, já era conhecido por um Manual muito prestigiado, um curso de Direito Constitucional – antigo, não esse que aí está hoje, que foi praticamente todo reescrito. E, com ele, eu trabalhei no IBDC, que era um Instituto que ele tinha. Fizemos vários Congressos de Direito Constitucional, eu sempre auxiliando o Professor, às vezes na pós-graduação também. Ele era um homem muito inteligente, com multitarefas. Então, ao mesmo tempo em que ele estava no escritório fazendo um parecer, ele preparava uma aula, ao mesmo tempo lia um trecho de um livro, e atendia a um repórter etc. E com isso eu aprendi um pouco com ele, porque ele dava atribuições imediatas: “Hoje você vai dar tal aula, leia tal capítulo de Kelsen”. Então, você tinha que ler correndo, absorver aquilo correndo, para chegar lá e falar alguma coisa, dez minutos que fosse, na classe antes dele falar. Enfim, foi uma grande escola para mim. Ele era um homem com um temperamento forte, de opinião, mas, enfim, foi um bom aprendizado.